

A CATEGORIA PAISAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Nelci Soares da **SILVA**
Professora da Secretaria de Estado de Educação - SEDUC-MT
E-mail: nelci.soares@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1803-5159>

Judite de Azevedo do **CARMO**
Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UNEMAT
Professora do curso de Licenciatura em Geografia/UNEMAT/SINOP
E-mail: judite.carmo@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7810-7559>

Beatriz de Azevedo do **CARMO**
Professora do curso de Licenciatura em Geografia/UNEMAT/SINOP
E-mail: beatriz.carmo@unemat.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9234-5521>

Recebido
Maio de 2023

Aceito
Março de 2024

Publicado
Abril de 2024

Resumo: A abordagem da paisagem como objeto de estudo na Educação Básica proporciona ao educando uma melhor compreensão da sua realidade. Partindo desta premissa é que este texto tem por objetivo apresentar os resultados da análise de como a categoria paisagem é abordada nos livros didáticos de Geografia do 6º Ano, adotados pelas escolas públicas da rede estadual da cidade de Cáceres–MT. Para esta análise adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica; seleção dos livros didáticos de Geografia do 6º Ano, por meio deste procedimento selecionamos um exemplar de cada livro que seriam utilizados nas 12 escolas estaduais no intervalo de 2020 a 2023; sistematização, análise e interpretação das informações levantadas, seguindo uma abordagem qualitativa. Como resultados obtivemos que os livros apresentam elementos que permitem o estudo da paisagem abordando as inter-relações entre fatores do meio físico com os do meio social, que os conteúdos permitem ao professor articular informações e levar o aluno a estabelecer relações entre a paisagem estudada e o seu cotidiano, que a abordagem da paisagem no contexto da educação básica, no 6º. Ano do

Ensino Fundamental II, na forma como se expressa nos livros didáticos, permite, a partir da intermediação consciente e responsável do professor, o desenvolvimento de habilidades e autonomia do estudante que é uma discussão presente na Base Nacional Comum Curricular.

Palavras-chave: Geografia escolar; ensino de Geografia; categoria geográfica; fazer geográfico; livro didático.

THE LANDSCAPE CATEGORY IN GEOGRAPHY TEXTBOOKS FOR THE 6TH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL

Abstract: The approach of landscape as a subject of study in Basic Education provides the student with a better understanding of their reality, which is of utmost importance for their daily life. Starting from this premise, this text aims to present the results of the analysis of how the landscape category is approached in Geography textbooks for the 6th year, adopted by public schools in the state network of the city of Cáceres-MT. For this analysis, we adopted the following methodological procedures: literature research; selection of Geography textbooks for the 6th year, through which we selected one copy of each book that would be used in the 12 state schools in the period from 2020 to 2023; systematization, analysis, and interpretation of the information gathered, following a qualitative approach. As a result, we found that the textbooks present elements that allow the study of the landscape by addressing the interrelationships between factors of the physical environment and those of the social environment, that the contents allows the teacher to articulate information and lead the student to establish relationships between the studied landscape and their daily life, and that the approach to the landscape in the context of basic education, in the 6th year of elementary school, as expressed in the textbooks, allows, through the conscious and responsible mediation of the teacher, the development of skills and autonomy of the student, which is a discussion present in the National Common Curricular Base (normative document for Brazilian schools. Called in Portuguese as Base Nacional Comum Curricular - BNCC).

Keywords: School geography; teaching geography; geographical category; geographical practice; textbook.

LA CATEGORÍA PAISAJE EN LOS LIBROS DIDÁCTICOS DE GEOGRAFÍA DEL 6º AÑO DE LA ENSEÑANZA BÁSICA

Resumen: El abordaje del paisaje como objeto de estudio en la Educación Básica proporciona al alumno una mejor comprensión de su realidad, esta comprensión es extremadamente importante para su vida cotidiana. Con esta ciencia, este texto pretende presentar los resultados del análisis de cómo se aborda la categoría paisaje en los libros didácticos de Geografía de 6º Año, adoptados por las escuelas públicas del sistema estatal en la ciudad de Cáceres-MT. Para este análisis adoptamos los siguientes procedimientos metodológicos: investigación bibliográfica; selección de libros didácticos de Geografía de 6º Año, a través de este procedimiento seleccionamos un ejemplar de cada libro que sería utilizado en las 12 escuelas estatales en el intervalo de 2020 a 2023; sistematización, análisis e interpretación de las informaciones recopiladas, siguiendo un abordaje cualitativo. Como resultado, obtuvimos que los libros didácticos presentan elementos que permiten el estudio del paisaje al abordar las interrelaciones entre factores del medio físico y social, que los contenidos permiten al docente articular la información y llevar al alumno a establecer relaciones entre el paisaje estudiado y su vida cotidiana, que el abordaje del paisaje en el contexto de la educación básica, en el 6º. Año de Enseñanza Básica, como se expresa en los libros didácticos, permite, a partir de la

intermediación consciente y responsable del profesor, el desarrollo de habilidades y la autonomía del alumno, que es una discusión presente en la Base Curricular Nacional Común.

Palabras clave: Geografía escolar; enseñanza de la geografía; categoría geográfica; hacer geográfico; libro de texto.

INTRODUÇÃO

Quando se dedica a tratar do ensino de Geografia nas escolas é preciso que fique claro que ele deve oportunizar ao aluno a possibilidade de adquirir a compreensão da relação sociedade e natureza; e segundo Giometti; Pitton e Ortigoza (*S. d*) é por meio do entendimento desta relação que o estudante será levado a desenvolver a noção de cidadania e poder se tornar sujeito ativo e passivo no meio ambiente. Com esta formação o educando terá a capacidade de se posicionar criticamente às transformações do espaço geográfico.

Ainda em conformidade com as autoras referenciadas acima, para o desenvolvimento da formação crítica dos sujeitos, as práticas pedagógicas precisam se voltar para os problemas locais, dos espaços de convivência deles, porque é nesta escala espacial que a sua atuação se torna mais imediata.

Sobre a escala local no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, ela se torna de extrema relevância, especialmente para os alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental II, uma vez que possibilita tomar a realidade do aluno como objeto para a compreensão do espaço geográfico. Nesta perspectiva, entende-se que a categoria paisagem é adequada para a apreensão do espaço imediato, mais próximo do aluno.

Nessa acepção, Cavalcanti (2012) recomenda o trabalho no nível de abstração e de cognição dos alunos, sem definir formalmente o local e o global, todavia, indicando evidências de um lugar como localização de algo, da mesma maneira com as experiências rotineiras como a familiar e identitária, por meio de diferenciações e comparações com uma realidade objetiva e global.

Como pode-se perceber em relação à escala geográfica, Cavalcanti (2012, p. 166) alerta para o necessário diálogo entre o local e o global para a construção do conhecimento do estudante. Para a autora o global seria um “[...] conjunto articulado de processos, relações e estruturas do espaço” e ele apresenta aspectos específicos e diferenciados na relação com cada lugar, sendo assim o lugar só pode ser apreendido na “tensão com a totalidade da qual faz parte”, ou seja, na relação com o global.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), referente a questão de escala está também pautada nas discussões teóricas referentes ao desenvolvimento cognitivo do aluno e à escala

espacial local (Brasil, 2018). Fica claro neste documento que o estudante do 6º Ano do Ensino Fundamental II tem como referência para a construção de seu conhecimento as relações que envolvem a dimensão do corpo e daquilo que está próximo a ele. Logo, a escala local é a mais apropriada para ser trabalhada com alunos desta fase, e a partir dela fazer as relações com as outras escalas.

Assim, na disciplina de Geografia há a necessidade de compreender os fenômenos, em concordância com Callai (2001), Straforini (2004) e Cavalcanti (2012), na relação parte/todo, numa totalidade dinâmica das escalas. Com tal finalidade, o ensino de Geografia, especialmente no 6º Ano do Ensino Fundamental II deve procurar enfatizar, segundo Cavalcanti (2012), o estudo do espaço geográfico como resultado da ação humana, que é a responsável pela produção dos lugares e das paisagens. Compreende-se, desse modo que na escola as categorias - lugar, paisagem, região e território –precisam ser abordadas para que o estudante consiga chegar ao entendimento do espaço em que vive.

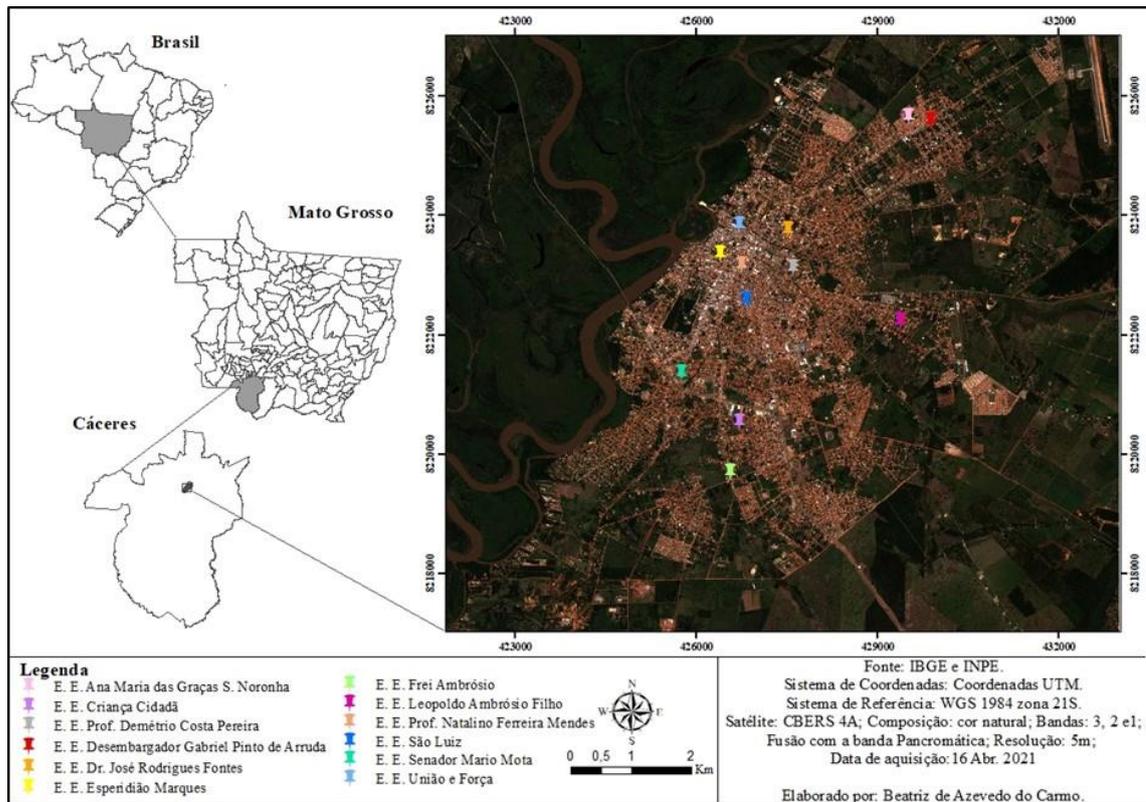
Ao se abordar a paisagem, como objeto de estudo nas salas de aula, está-se incorrendo à possibilidade de proporcionar aos educandos, uma melhor compreensão de sua realidade. Sobre a categoria paisagem, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia orientam que na análise desta categoria é preciso focar as dinâmicas de suas transformações e não somente a sua descrição como se fosse uma forma estática (Brasil, 2001).

O professor de Geografia tem o papel de intermediar o processo de apreensão do conceito de paisagem dos seus estudantes, isto porque esta apreensão é de fundamental importância para a vida cotidiana deles e, também porque ao apreender os conceitos, os alunos estarão aprendendo de fato.

Com a ciência da importância de o processo de ensino-aprendizagem ser encaminhado no sentido de se construir um conhecimento com significado, este texto tem como objetivo apresentar o resultado da análise de como a categoria paisagem é abordada nos livros didáticos de Geografia do 6º Ano, adotados pelas escolas públicas da rede estadual da cidade de Cáceres–MT (Figura 1).

Os livros didáticos selecionados para a análise são aqueles adotados por seis escolas da rede estadual de ensino, na cidade de Cáceres, para o período de 2020 a 2023. É importante ressaltar que a escolha da categoria paisagem para o desenvolvimento do estudo decorre da sua relevância para a compreensão sobre o espaço, posto que se apresenta como uma materialidade mais próxima dos estudantes, sendo de fácil visualização e apreensão, assim a sua abordagem contribui para o estímulo das habilidades e competências dos alunos na construção de novos conhecimentos, partindo do meio em que está inserido para um contexto universal.

Figura 1 – Localização do município de Cáceres (MT) e das escolas públicas abordadas na pesquisa



Fonte: Organizado pelas autoras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No desenvolvimento do estudo que ora se apresenta os resultados, seguiu-se três procedimentos metodológicos. O primeiro deles refere-se à realização de uma revisão de literatura, por meio da pesquisa bibliográfica, a qual proporcionou o suporte teórico para a construção da investigação proposta e se pautou em temas da educação brasileira, do ensino de Geografia, da categoria paisagem e do livro didático.

O segundo procedimento consistiu no levantamento e seleção dos livros didáticos de Geografia do 6º ano das escolas públicas da rede estadual da cidade de Cáceres–MT. Foi selecionado um exemplar de cada livro didático que as 12 escolas estaduais da cidade de Cáceres–MT utilizariam no intervalo de 2020 e 2023, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1 – Livros analisados e as respectivas escolas que os adotaram para o período de 2020 a 2023 em Cáceres–MT

ORDEM	NOME DA ESCOLA	TÍTULO DO LIVRO	AUTORES DO LIVRO
01	E. E. Ana Maria das Graças Souza Noronha	Geografia: território e sociedade	Elian Alabi Lucci Anselmo Lázaro Branco Willian Fugii
02	E. E. Criança Cidadã	Expedições geográficas	Melhem Adas Sergio Adas
03	E. E. Desembargador Gabriel Pinto de Arruda	Geografia espaço & interação	Marcelo Moraes Paula Maria Angela Gomez Rama Denise Cristina Christov Pinesso
04	E. E. Dr. José Rodrigues Fontes	Tempo de Geografia	Axé Silva Jurandyr Ross
05	E. E. Esperidião Marques	Geografia espaço & interação	Marcelo Moraes Paula Maria Angela Gomez Rama Denise Cristina Christov Pinesso
06	E. E. Frei Ambrósio	Geografia espaço & interação	Marcelo Moraes Paula Maria Angela Gomez Rama Denise Cristina Christov Pinesso
07	E. E. Leopoldo Ambrósio Filho	Tempo de Geografia	Axé Silva Jurandyr Ross
08	E. E. Prof. Demétrio Costa Pereira	Araribá mais Geografia	Cesar Brumini Dellore
09	E. E. Prof. Natalino F. Mendes	Expedições geográficas	Melhem Adas Sergio Adas
10	E. E. São Luiz	Tempo de Geografia	Axé Silva Jurandyr Ross
11	E. E. Senador Mario Mota	Vontade de saber Geografia	Neiva Camargo Torrezani
12	E. E. União e Força	Expedições geográficas	Melhem Adas Sergio Adas

Fonte: organizado pelas autoras.

Como pode ser visualizado no quadro acima, tem escolas que adotaram o mesmo livro didático, por isso que selecionamos apenas seis escolas para que fossem analisados os livros didáticos, quais sejam: Geografia: território e sociedade, Expedições geográficas, Geografia espaço & interação, Tempo de Geografia, Araribá mais Geografia e Vontade de saber Geografia.

Na análise dos livros didáticos buscou-se evidenciar os seguintes pontos: descrição sobre cada livro didático; destacando autores; editoras e organização metodológica de cada um; a concepção de paisagem e os elementos que aparecem como integrantes dela; exposição da categoria paisagem, neste ponto procurou-se verificar se esta exposição é em todo o livro ou se ela ocorre em conteúdo específico de um só capítulo; verificação sobre a existência de alguma atividade prática em relação ao estudo da paisagem.

No terceiro procedimento metodológico procedeu-se a sistematização, a análise e a interpretação das informações, assim como dos dados e dos aspectos levantados nos livros didáticos, seguindo a abordagem qualitativa.

A ABORDAGEM DA CATEGORIA PAISAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO 6º ANO

O livro didático é no Brasil o recurso didático mais utilizados pelos professores e alunos da Educação Básica, em algumas localidades ele é o único recurso. Copatti e Callai (2018) afirmam que, desde o século XIX, o livro didático tem se tornado um importante e imprescindível aliado ao trabalho do professor no desenvolvimento das aulas.

No decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017 está expresso o apoio à implementação da Base Nacional Comum Curricular, para tanto os livros didáticos deverão abarcar conteúdos que estejam em conformidade com a Base; a necessária inclusão dos professores da Educação Básica da rede pública e algumas instituições, além de entidades da sociedade civil na avaliação dos materiais didáticos; a inclusão da oferta de manual do professor para a educação infantil, bem como para os professores de Educação Física; a unificação dos materiais didáticos pela rede de ensino (Brasil, 2017).

O Ministério da Educação deixa claro que para garantir o funcionamento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é preciso seguir doze etapas: a primeira etapa é a adesão dos sistemas de ensino estaduais, municipais, do Distrito Federal e das escolas federais; na sequência, tem-se a publicação dos editais que ditam as regras para a inscrição do livro didático e de literatura a serem publicados no Diário Oficial da União e divulgados no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE); a terceira etapa refere-se à inscrição das empresas donas dos direitos autorais das obras didáticas e literárias; a quarta etapa é a triagem e a avaliação dos livros por especialistas, de acordo com critérios pré-estabelecidos, a partir dessa avaliação, é que os guias dos livros didáticos são elaborados. A quinta etapa refere-se a disponibilização dos guias para os professores; em seguida, na sexta etapa ocorre a escolha dos livros didáticos, posteriormente (sétima etapa) a escola formaliza o pedido e na oitava etapa há aquisição dos livros pelo FNDE dando início à nona etapa, que é a da produção dos livros. Na décima etapa há a análise da qualidade física do material produzido, seguida da distribuição e recebimento do livro na escola.

É importante ressaltar que este processo de mercantilização do livro didático é imprescindível para as editoras. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) apontam que o comércio

do livro didático passou a ser uma atividade vantajosa para as editoras, visto que o seu maior comprador é o Governo Federal. Libâneo (2002, p. 127) argumenta que pelo PNLD, o livro didático é um bom negócio e que a própria distribuição dos livros gera disputa de interesses entre as editoras. O autor faz a ressalva de que a produção do livro didático faz crescer a economia e isto é bom para a sociedade, mas defende que ela deva ser inserida em uma política educacional proposta pelo Estado.

Mesmo com as ressalvas dos autores em relação ao processo de produção e distribuição de livros didáticos, há a compreensão de que eles se configuram como parte integrante do percurso de formação dos alunos. Trazendo para o contexto da disciplina de Geografia, eles são um recurso complementar considerável, por contribuir a partir de ilustrações, mapas e propostas didáticas, ao mesmo tempo em que auxilia o professor no seu fazer pedagógico e na construção do conhecimento do aluno.

Destacamos, conforme Castrogiovanni e Goulart (1999), que o livro didático, diante das condições atuais de trabalho do professor de Geografia; especialmente na rede pública, é cada vez mais um instrumento, se não indispensável, pelo menos necessário como complemento às atividades didático-pedagógicas, devendo ser utilizado apenas como um dos recursos entre os disponíveis.

Na mesma linha de pensamento, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 343) reiteram que “o livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos” e Lajolo (1996, p. 4) afirma que “o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. [...] ele pode ser decisivo para a qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares.”

Vesentini (1995) defende que o livro de didático precisa ser adotado pelo professor com o entendimento de que ele é um instrumento que está a serviço de seus objetivos e proposta de trabalho, em sendo assim entendemos ser essencial a criticidade no seu uso, transformando-o em aliado para uma prática pedagógica eficaz e não em uma “muleta”.

O livro didático “tem uma importância pedagógica por ser parte do processo da educação e do ensino. Ele sistematiza o conhecimento científico, transforma o saber científico em saber escolar” (Libâneo, 2002, p. 127). Em concordância com o autor apontamos que o livro didático de Geografia deve trazer os elementos textuais e as ilustrações bem definidos, claros e de forma eficiente para que assim possa atender as necessidades dos alunos e professores, e esta nossa afirmação coaduna-se com o exposto por Lajolo (1996) de que um livro não é composto

apenas de linguagem verbal, por isso todas as formas de linguagem devem ser igualmente eficientes.

Diante do exposto, afirmamos que há elementos que necessitam ser observados pelos educadores no momento em que vão fazer a escolha do livro, como os mencionados acima, assim como se ele está de acordo com suas propostas de trabalho, só assim ele poderá ser considerado um instrumento que realmente lhe auxiliará no processo de ensino e aprendizagem.

Entendemos que o uso do livro didático auxilia o professor no seu planejamento, nas suas práticas curriculares e, sobretudo, contribui com o Projeto Político Pedagógico da escola. “O professor, com o auxílio dos livros didáticos, pode ir mais longe do que caminhando solitariamente apenas com sua experiência e intuição” (Brasil, 2017, p. 20).

Para que essas prerrogativas tenham um resultado satisfatório, há de se levar em consideração a importância da qualidade formativa do professor, de forma que ele possa ter condições de se tornar agente ativo na realização do processo de aprendizagem da Geografia na sala de aula. Se essa formação for deficitária, poderá ocorrer, conforme os dizeres de Copatti e Callai (2018, p. 54), “[...] um movimento em que o profissional tende a ancorar-se no livro didático, que pode se tornar a força norteadora do pensamento do professor.” As autoras chamam a atenção, alertando para a relevância do professor assumir a centralidade na educação na sala de aula.

Diante de todos os argumentos expostos, defendemos que é necessário que o professor tenha uma formação acadêmica de qualidade, de modo a possibilitá-lo ter domínio dos conceitos referentes à ciência geográfica, dando condições a ele de dialogar criticamente com os textos trazidos pelos livros didáticos e, principalmente, de ser autor do seu fazer pedagógico.

Nesse sentido, Cavalcanti (2012) explicita seis saberes que o professor de Geografia precisa adquirir ao longo de sua formação para poder atuar com segurança profissional, fazendo com que sua prática tenha significado. São estes os saberes: saber Geografia (ter domínio de sua área de conhecimento); saber ensinar (unindo teoria e prática e a relação com o mundo); saber para quem vai ensinar (conhecer seus alunos e entendê-los como sujeitos sociais); saber quem ensina Geografia (fazer reflexões sobre o seu fazer pedagógico); saber para que ensina Geografia (conhecimento do currículo, dos conteúdos e importância da ciência Geográfica para a educação e para a sociedade); saber como ensinar Geografia para sujeitos e contextos determinados (entender a escola como uma instituição social, o contexto dela na sociedade).

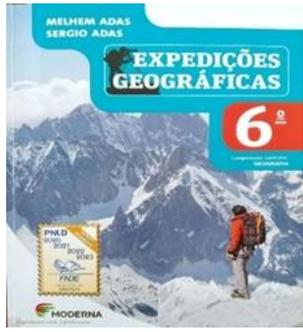
O domínio desses saberes, conforme Cavalcanti (2012) são determinantes para o desempenho profissional do professor, pois por meio deles é que se faz a condução da prática em sala de aula de modo a superar, quando se faz necessário as limitações do livro didático.

Concebemos, que, na maioria das vezes, a prática pedagógica do professor da Educação Básica está ancorada somente no livro didático. Nesse sentido, os saberes explicitados no parágrafo anterior proporciona ao professor condições de questionar, escolher os conteúdos a serem trabalhados com os alunos e de investigar se os conteúdos tratados nos livros didáticos são suficientes para que os educandos se tornem sujeitos críticos e aptos a atuarem de forma responsável na sociedade.

Por fim, tomando o livro didático como instrumento pedagógico presente nas escolas, e a partir das observações de autores que estudam sobre os conhecimentos, possibilidades e imperfeições nele contidas, compreendemos que o estudo do livro didático se torna de suma relevância para a reflexão sobre a Geografia Escolar.

Para apresentar a abordagem da categoria paisagem nos livros didáticos de Geografia do 6º Ano, expomos o que identificamos em relação as noções de paisagem, seus elementos, sugestões de atividades, formas de abordagem e discussão trazidas nos livros examinados. A princípio, apresentam-se os livros em seis quadros-sínteses, destacando uma imagem da sua capa, o título, o(s) autor(es), a editora, o ano de publicação, organização metodológica e a(s) escola(s) que os adotaram (Quadros 2 a 7).

Quadro 2 – Livro didático de Geografia *Expedições Geográficas*

Etapa Educação Básica: Ensino Fundamental – anos finais	Área do conhecimento: Ciências Humanas	Componente curricular: Geografia	Ano: 6º
<p>Livro didático</p> 	<p>Título: Expedições Geográficas Autores: Melhem Adas e Sergio Adas Ano de publicação: 2018 Editora: Moderna</p>		
<p>Organização metodológica: estruturado em oito unidades, cada uma delas apresenta 4 percursos, perfazendo-se um total de 32. Nesse livro, os autores denominam capítulos de percursos.</p>			
<p>Escolas que adotaram esse livro: Escola Estadual Criança Cidadã, Escola Estadual Professor Natalino Ferreira Mendes e Escola Estadual União e Força.</p>			

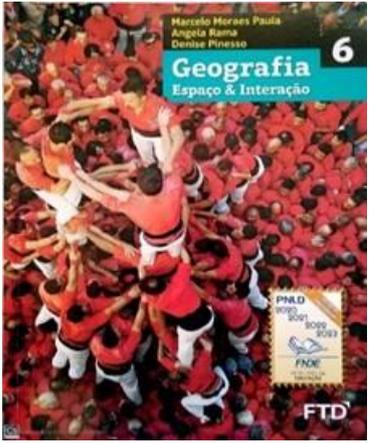
Fonte: Organizado pelas autoras.

Quadro 3 – Livro didático de Geografia Tempo de Geografia

Etapa Educação Básica: Ensino Fundamental - anos finais	Área do conhecimento: Ciências Humanas	Componente curricular: Geografia	Ano: 6º
<p>Livro didático</p>  <p>Título: Tempo de Geografia Autores: Axé Silva e Jurandir Ross Ano de publicação: 2018 Editadora: Do Brasil</p>			
<p>Organização metodológica: Composto por oito temas, cada um é subdividido por quatro capítulos.</p>			
<p>Escolas que adotaram esse livro: Escola Estadual Leopoldo Ambrósio Filho, Escola Estadual Dr. José Rodrigues Fontes e Escola Estadual São Luiz.</p>			

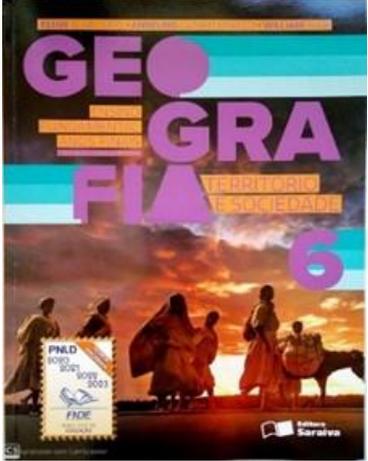
Fonte: Organizado pelas autoras.

Quadro 4 – Livro didático de Geografia Espaço & Interação

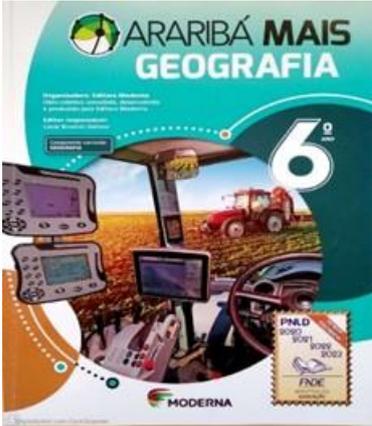
Etapa Educação Básica: Ensino Fundamental - anos finais	Área do conhecimento: Ciências Humanas	Componente curricular: Geografia	Ano: 6º
<p>Livro didático</p>  <p>Título: Geografia Espaço & Interação Autores: Marcelo Moraes Paula, Maria Angela Gomes Rama e Denise Cristina Christov Pinesso Ano de publicação: 2018 Editadora: FTD</p>			
<p>Organização metodológica: está disposto em oito unidades temáticas, cada uma delas traz temas diversos, em média, cinco em cada unidade.</p>			
<p>Escolas que adotaram esse livro: Escola Estadual Desembargador Gabriel Pinto de Arruda, Escola Estadual Esperidião Marques e Escola Estadual Frei Ambrósio.</p>			

Fonte: Organizado pelas autoras.

Quadro 5 – Livro didático de Geografia: território e sociedade

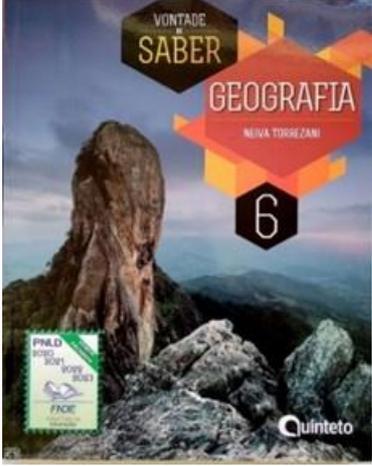
Etapa Educação Básica: Ensino Fundamental - anos finais	Área do conhecimento: Ciências Humanas	Componente curricular: Geografia	Ano: 6º
<p>Livro didático</p>  <p>Título: Geografia: território e sociedade Autores: Elian Alabi Lucci, Anselmo Lázaro Branci, Willian Fugii Ano de publicação: 2018 Editora: Saraiva</p>			
<p>Organização metodológica: está organizado em 6 unidades temáticas, que, por sua vez, subdividem-se, perfazendo um total de 18 capítulos.</p>			
<p>Escola que adotou esse livro: Escola Estadual Ana Maria das Graças de Souza Noronha.</p>			
<p>Fonte: Organizado pelas autoras.</p>			

Quadro 6 – Livro didático de Geografia Araribá mais Geografia

Etapa Educação Básica: Ensino Fundamental - anos finais	Área do conhecimento: Ciências Humanas	Componente curricular: Geografia	Ano: 6º
<p>Livro didático</p>  <p>Título: Araribá mais Geografia Editor: Cesar Brumini Dellore Ano de publicação: 2018 Editora: Moderna</p>			
<p>Organização metodológica: apresenta 18 capítulos, distribuídos em 8 unidades temáticas.</p>			
<p>Escola que adotou esse livro: Escola Estadual Professor Demétrio Costa Pereira.</p>			

Fonte: Organizado pelas autoras.

Quadro 7 – Livro didático de Geografia Vontade de Saber Geografia

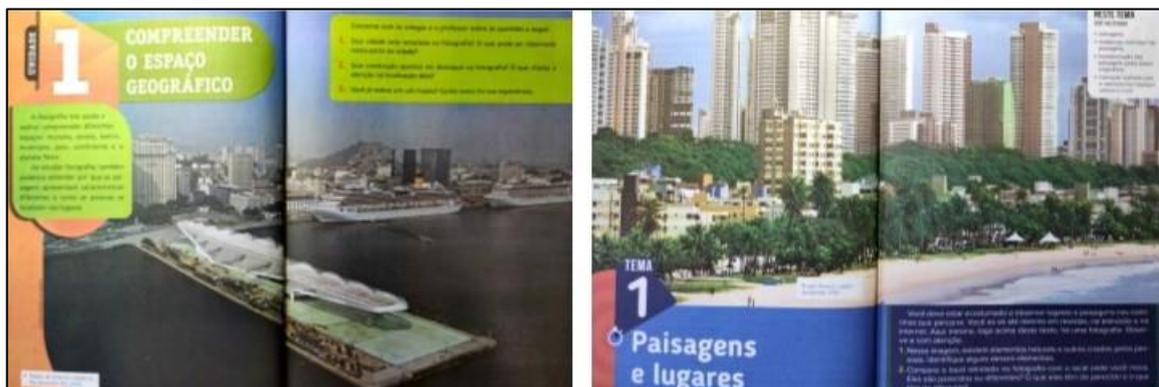
Etapa Educação Básica: Ensino Fundamental - anos finais	Área do conhecimento: Ciências Humanas	Componente curricular: Geografia	Ano: 6º
<p>Livro didático</p>  <p>Título: Vontade de saber Geografia Autora: Neiva Camargo Torrezani Ano de publicação: 2018 Editadora: Quinteto</p>			
<p>Organização metodológica: está estruturado em oito capítulos, subdivididos em subitens.</p>			
<p>Escola que adotou esse livro: Escola Estadual Senador Mario Motta.</p>			

Fonte: Organizado pelas autoras.

Na abertura dos capítulos dos livros apresentados nos quadros acima, há um texto introdutório, imagens, retratos, conjunto de ilustrações e descrição dos conteúdos que serão abordados no decorrer das unidades. Tanto o texto quanto os demais elementos são, segundo os autores, para elucidar, aguçar e provocar nos alunos o interesse no que se refere aos temas que serão discutidos no decorrer das unidades e/ou capítulos.

No que concerne às imagens, retratos, conjunto de ilustrações nas páginas iniciais das unidades e/ou capítulos, percebemos nos livros analisados que eles trazem imagens evidenciando as belas paisagens, como a do litoral brasileiro, sem poluição, destacando os grandes iates ancorados nas belas praias e os prédios luxuosos que compõem a faixa litorânea, conforme mostra a Figura 2 para ilustrar o que nos referimos.

Figura 2 - Paisagem nas páginas de abertura das unidades e/ou capítulos



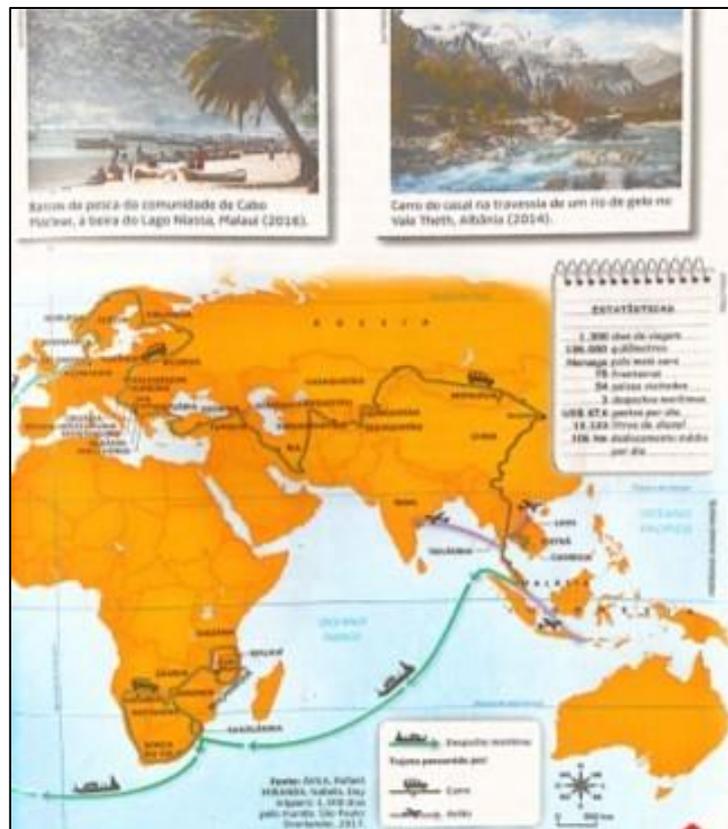
Fontes: Paula, Rama e Pinesso (2018, p. 10-11); Silva e Ross (2018, p. 8-9).

Em relação a este primeiro aspecto identificado, frisamos que cabe ao professor, fazer algumas reflexões e ter condições tanto de formação quanto de materiais para ampliar as discussões para além do livro didático. Os elementos didáticos, nesse caso, as imagens apresentadas por esses livros, não necessitam ser seguidos rigorosamente. O professor precisa ter sempre em mente que o livro didático é um suporte pedagógico para o seu trabalho, não um determinante dos conteúdos.

Sobre a necessidade destas reflexões, Cavalcanti (2012) afirma categoricamente que “[...] questionar, refletir, reafirmar e ressignificar os conteúdos [...]” é uma condição para abalar o estabelecido, oferecendo-lhe mais vivacidade, legitimando aspectos importantes, fortalecendo ou refazendo concepções.

Analisando os capítulos e/ou unidades, observamos que eles estão organizados em títulos e subtítulos, apresentando diferentes formas de linguagens como: ilustrações, gráficos, mapas, tabelas, músicas etc., que, em conjunto com o texto principal, contribuem para e na compreensão dos temas e atividades (Figuras 3 e 4).

Figura 3 – Forma de linguagem na abertura dos capítulos e/ou unidades



Fonte: Adas e Adas (2018, p. 13).

Figura 4 – Forma de linguagem na abertura dos capítulos e/ou unidades



Fonte: Silva e Ross (2018, p. 96-97).

A diversidade de linguagem presente nos livros é importante porque auxilia o professor e o aluno no processo de ensino-aprendizagem, como evidencia Lajolo (1996, p. 5, grifo da autora): “A expectativa do livro didático é que a partir dos textos informativos, das ilustrações, diagramas e tabelas, seja possível a resolução dos exercícios e atividades cuja realização deve favorecer a *aprendizagem*”. Para Adas e Adas (2018) Os diversos recursos de linguagem utilizados nos livros contribuem com o trabalho do professor na sua organização pedagógica, proporcionando um fazer pedagógico condizente com as necessidades dos alunos. Já Silva e Ross (2018) entendem que ao utilizar diversas linguagens há uma possibilidade de desenvolver a aprendizagem por meio de problematização.

Lucci, Branco e Fugii (2018) atestam que as ilustrações reproduzem ricas fontes de informação, o professor pode instigar o estudante a expressar suas impressões sobre aquilo que veem e também questioná-los sobre o que aparece explícita ou implicitamente na paisagem observada.

Para fundamentar o que dizem os autores dos livros didáticos citados acima, buscamos Pontuschka, Pacanelli e Cacete (2009, p. 216), que trazem os seguintes dizeres: “cada uma das linguagens possui seus códigos e seus artifícios de representação, que precisam ser conhecidos por professores e alunos para maior compreensão daquelas a serem trabalhadas com conteúdos geográficos”. Compartilhamos do entendimento de que esses recursos, da forma como são expostos no livro, podem instigar no aluno a curiosidade para apreender conceitos importantes da Geografia, como a paisagem.

Analisando os conceitos de paisagem trazidos nos livros didáticos em questão, assim como as referências bibliográficas utilizadas por eles foi possível compreender que todos se

fundamentam em Milton Santos. Em Adas e Adas (2018, p. 16), paisagem “[...] é tudo aquilo que a nossa visão alcança, [...] não é formada apenas por volumes (montanhas, vegetação, cidades etc.) mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”. Já Silva e Ross (2018, p. 10-11) trazem que “a paisagem é identificada por suas características uniformes, que vão até onde nosso olhar alcança [...]. A paisagem também é composta do movimento [...], do cheiro, dos sons, do calor, do frio.”

O livro *Geografia, espaço & interação* (2018) aponta que, ao analisar uma paisagem, consegue-se “ouvir os sons [...] sentir os cheiros [...], tocar os materiais utilizados nas construções, os elementos da natureza, entre outros. (Paula; Rama; Pinesso, 2018, p. 16). Lucci, Branco e Fugii (2018, p. 13) abordam que a “paisagem é tudo aquilo que a nossa visão alcança em determinado momento. Os sentidos humanos (olfato, paladar, visão, tato e audição) nos ajudam a perceber a paisagem e seus elementos”. Dellore (2018) discute que a paisagem pode ser vista e percebida pelo som dos carros, o cantar dos passarinhos, os cheiros da poluição e a relação entre os seres humanos. Para Torrezani (2018, p. 18, grifo da autora), “**paisagem** é tudo aquilo que vemos em determinado lugar, em dado momento, e algumas de suas características também são percebidas por meio de sons, odores e movimentos”.

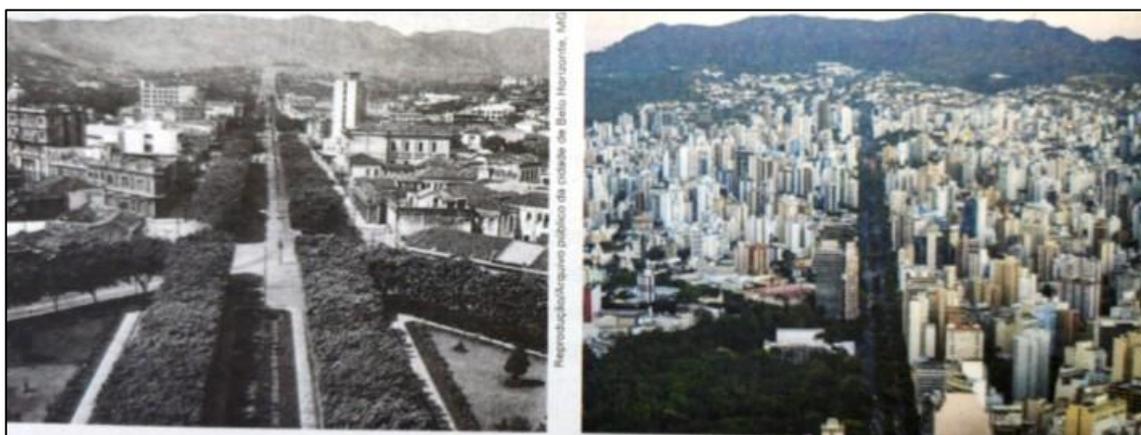
Concebemos que trazer essas reflexões sobre paisagem, baseada em Milton Santos, é muito significativo porque apresenta não só para os educandos, mas também para os docentes uma possibilidade assertiva e rica de apreender e discutir a dinamicidade da paisagem geográfica dentro do espaço geográfico.

Com o objetivo de propiciar para o aluno uma compreensão mais ampla sobre paisagem, os autores dos livros analisados abordam, por meio de texto e figuras, que as modificações ocorridas na paisagem podem ser mediante as forças naturais e sociais. Inferimos que essas afirmações dos autores estão consubstanciadas em Santos (1988, p. 68), quando este expressa que “a paisagem não é dada para todo o sempre”, pelo contrário, ela passa transformações ao longo do tempo “[...] é resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, já que é formada por elementos naturais e artificiais”.

A discussão em sala de aula sobre as mudanças na paisagem proporciona a estruturação do conhecimento geográfico dos alunos, não somente sobre essa categoria geográfica, mas também sobre as demais. É importante ressaltar que não basta apenas abordar as transformações da paisagem, é preciso que o professor promova o debate a fim de fomentar a identificação dos processos sociais que desencadeiam as transformações.

Os autores dos livros analisados se atentaram para a ressalva feita na afirmação anterior, trazendo como alternativa para a melhor compreensão por parte dos alunos sobre as modificações na paisagem por meio dos processos sociais, o uso de fotografias de determinado local em uma cidade em dois diferentes momentos históricos (Figura 5).

Figura 5 – Mudanças em uma paisagem ao longo do tempo



Fonte: Lucci, Branco e Fugii (2018, p. 20).

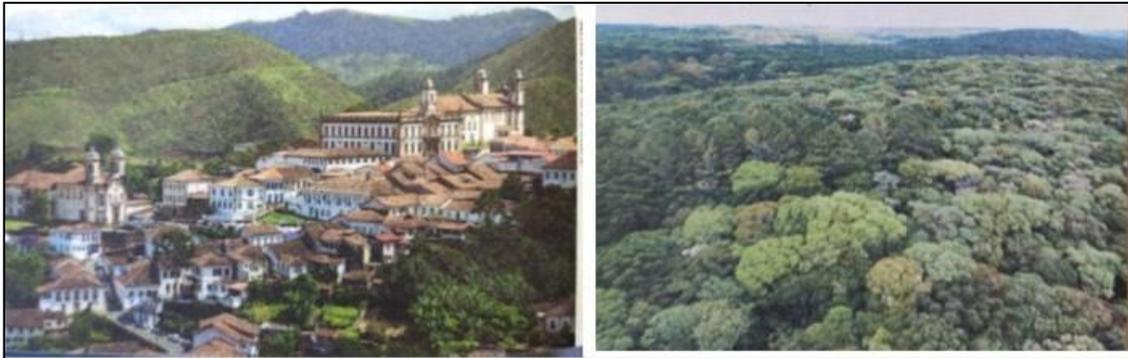
O uso de fotografias como forma de apresentar a dinamicidade da paisagem possibilita suscitar reflexões nos alunos sobre como a paisagem urbana se estrutura e se organiza no decorrer do tempo; pois, segundo Callai (2013), “[...] a paisagem de hoje não é mais a de ontem e nem será a de amanhã. Só é congelada no momento em que é observada, pois é sempre dinâmica, pois é resultado da dinâmica da vida”.

Sobre a apresentação nos livros didáticos dos elementos que compõem a paisagem, observamos que todos os livros analisados classificam a paisagem como natural e artificial (cultural e/ou humanizada). Dellore (2018) traz uma discussão sobre as paisagens protegidas, defendendo que tanto a paisagem natural quanto a cultural podem ser protegidas por lei. Para Adas e Adas (2018, p. 18), as paisagens naturais com grande biodiversidade e valor cênico e as paisagens culturais pelas construções históricas ou beleza arquitetônica, “para serem protegidas, precisam possuir certa importância” (Figura 6).

A discussão sobre a preservação da paisagem cultural e natural em sala de aula pelo nosso entendimento contribui para despertar nos alunos uma consciência sobre a necessidade da preservação ambiental e cultural, mostrando a eles que, protegendo esses patrimônios, teremos condições de fazer uma análise sobre a história em que estamos inseridos, quer dizer, a história que recebemos de nossos antepassados, nosso momento atual e uma perspectiva histórica para o futuro. Neste sentido, concordamos com Callai (2013, p. 39) quando explicita

que a paisagem “[...] é um bem da população, precisa ser cuidada para valorizar os lugares e para contribuir ao bem estar da sociedade”.

Figura 6– Preservação da paisagem cultural e natural

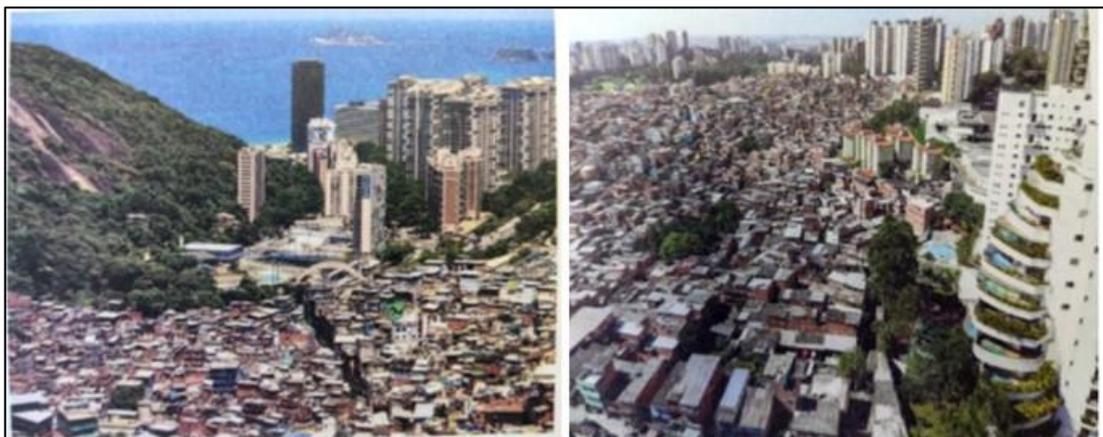


Fontes: Adas e Adas (2018, p. 18); Dellore (2018, p. 17).

Outro ponto observado nos livros didáticos é a apresentação da relação paisagem e desigualdade social por meio de observação da paisagem da cidade para aferir as desigualdades sociais, todos os autores seguem a mesma estratégia. Trouxemos como exemplo desta abordagem feita pelos autores a Figura 7.

Esse tipo de abordagem mostra que o modo de apropriação dos espaços urbanos é perceptível pela paisagem, nela se verifica, a materialização dos contrastes existentes nas cidades, como a diferença do poder aquisitivo entre as pessoas, as condições das moradias, dentre outros.

Figura 7 – As paisagens e as desigualdades socioespaciais



Fontes: Lucci, Branco e Fugii (2018, p. 26) e Silva e Ross (2018, p.14).

Silva e Ross (2018, p. 14) apontam que as paisagens culturais são capazes de mostrar desigualdades existentes nas sociedades e são resultantes, dentre outros fatores, “[...] da

diferença de renda entre as pessoas e a falta de investimento do governo em moradia para a população mais carente”. Dellore (2018, p. 30, grifo dos autores) argumenta que “[...] as paisagens também podem se diferenciar conforme o **poder aquisitivo** das pessoas que nela vivem, quando os rendimentos oriundos do trabalho são muitos discrepantes”.

Compreendemos que discutir sobre desigualdade socioespacial, na perspectiva da paisagem, é uma possibilidade de desmistificar que ela está relacionada somente com o belo. É uma forma de mostrar que a classe marginalizada da sociedade está presente na configuração da paisagem e que esta apresenta a materialidade dos processos sociais vigentes em cada momento histórico.

Outra discussão trazida por alguns autores dos livros em análise refere-se às paisagens degradadas. Para eles, estas podem ser resultado da ação das forças naturais, assim como da ação humana. Os autores Adas e Adas (2018, p. 19) deixam claro que “Há no mundo muitas paisagens degradadas, que são resultados de ações inadequadas ou mesmo destrutivas realizadas pelo ser humano” e Dellore, (2018, p. 16) traz que “as intervenções humanas podem modificar a paisagem, degradando o meio ambiente.” Todos se utilizam de imagens para retratar a situação apresentada. Na Figura 8 temos um exemplo deste uso.

Figura 8 – Impactos na paisagem por intervenção humana



Fonte: Dellore (2018, p. 16).

A paisagem nessa perspectiva é discutida por Callai (2013, p. 38), segundo ela, “[...] a paisagem é a herança (o resultado) de todos os processos naturais e de todos os processos humanos com o patrimônio construído, e que os povos herdaram, e modificam, como território de atuação no seu viver cotidiano.

Para contrapor a concepção de paisagem degradada, os autores dos livros *Expedições Geográficas*, *Geografia: espaço & interação* e *Tempo de Geografia* discutem a diversidade das sociedades e suas distintas formas de viver e relacionar com os lugares, transformando o espaço geográfico de diversas maneiras.

Para Adas e Adas (2018, p. 21) os povos originários e as comunidades tradicionais contribuem “para a manutenção da biodiversidade, das paisagens naturais e do equilíbrio ecológico nos espaços que habitam”. Os autores ainda aduzem que esses povos, por dependerem dos recursos naturais para sobreviverem, usam técnicas menos predatórias. Paula, Rama e Pinesso (2018, p. 84), alegam que “a ação dos povos originários transforma as paisagens de maneira mais lenta e com menores impactos na natureza.” Seguindo esse mesmo raciocínio, Silva e Ross (2018, p. 25) apontam que “as modificações na paisagem realizadas pelos povos indígenas são menos transformadoras que as ocorridas nas cidades, por exemplo, onde as paisagens tornam-se urbanas”.

Discutir sobre o processo de uso da terra pelos povos originários e comunidades tradicionais possibilita uma melhor compreensão da história e cultura desses povos. Assim, trazer temáticas como essa para o ensino da Geografia amplia o rol de possibilidades para reflexões e compreensão sobre a origem e formação da população brasileira e sua relação com a natureza.

As paisagens transformadas pelas atividades econômicas são discutidas por todos os autores dos livros didáticos analisados. Em Adas e Adas (2018, p. 22) consta que as atividades econômicas modificam as paisagens por meio da “devastação da floresta, que são substituídas por pastagens, cultivos agrícolas ou áreas de mineração”. Para Silva e Ross (2018, p. 30), “[...] as atividades características de cada modo de produção [...] transformam as paisagens naturais”. Os autores Paula, Rama e Pinesso (2018, p. 74) alegam que a sociedade modifica a paisagem “[...] por meio do trabalho, das técnicas e das tecnologias”.

Com o mesmo entendimento dos últimos autores citados acima, Lucci, Branco e Fugii (2018, p. 16) expõem que “o avanço das técnicas e das tecnologias tornou possíveis, ao longo da história da humanidade, diversas transformações no modo de produzir [...], na circulação de mercadorias e pessoas e nas paisagens.” Assim, depreende-se que as paisagens se diferenciam de acordo com as atividades econômicas da sociedade. Em Torezzani (2018, p. 29), as técnicas utilizadas nas atividades econômicas da construção civil, “[...] por meio do trabalho do ser humano vem, historicamente, se relacionando com a natureza e transformando as paisagens.”

Dentre os livros que discutem sobre as paisagens transformadas pelas atividades econômicas, somente os livros de Adas e Adas (2018) e Lucci, Branco e Fugii (2018) relacionaram a atividade econômica com a degradação ambiental. Nesse sentido, os PCNs (Brasil, 1998) esclarecem que é necessário discutir e apontar que ao mesmo tempo em que há a defesa de tecnologias para apropriação adequada da natureza, há também a pobreza e a ausência de políticas para reverter a degradação ambiental.

O estudo sobre a paisagem relacionando com os principais tipos de vegetação é discutido em Adas e Adas (2018), na unidade 4, e, em Torrezani (2018), no capítulo 5. Os autores citam os principais tipos de vegetação nativa como: tundra, floresta de coníferas (taiga), floresta temperada e subtropical, pradarias e estepes, vegetação mediterrânea, vegetação de deserto, savana (cerrado e caatinga, no Brasil), floresta tropical, floresta equatorial e vegetação de altitude.

Ao explicar os tipos de vegetação, os autores trouxeram a reflexão sobre a interferência do homem nesses locais, causando, na maioria das vezes, a devastação da vegetação nativa. Ao abordar o quadro natural vinculado ao quadro social, esses autores superam um pouco a dicotomia entre Geografia Física e Humana, mostrando que os elementos físicos não estão dissociados dos elementos humanos.

Para Castellar (2013, p. 192), a abordagem “[...] fragmentada da Geografia (Geografia Humana e Geografia Física e no interior de cada uma) não contribui para o aluno entender os movimentos que ocorrem nas paisagens.” Neste sentido, o trabalho do professor de Geografia, segundo Cavalcanti (2013) é colaborar para desenvolver nos alunos a capacidade particular desse olhar.

Identificamos nos livros a existência de propostas de atividades pedagógicas em relação ao estudo da paisagem, contando, inclusive, em todos os tópicos nos quais os autores discutem sobre a paisagem, sugestões de atividades. São atividades que orientam os alunos a fazerem uso das tecnologias digitais para pesquisarem aspectos culturais da paisagem, bem como áreas e edificações protegidas por lei no Brasil e no município que os alunos moram; questões para o estudante articular os conhecimentos adquiridos sobre a paisagem com seus espaços de vivências e suas experiências da realidade, destacando a degradação ambiental e a desigualdade social representadas na paisagem.

Essas fontes de conhecimento apresentadas por esses autores podem aproximar o aluno da categoria paisagem, pois, por meio delas, ele pode obter informações, interpretar, confrontar, questionar sobre as paisagens abordadas por esses recursos e, assim, construir conhecimento.

Ao avaliar se a paisagem é discutida em todo o livro ou se é apenas um conteúdo específico de um só capítulo, foi possível verificar que ela não é abordada em todo o livro. Em Adas e Adas (2018), ela está presente na unidade 1, intitulada “Espaço, paisagem, lugar e território”, e, na unidade 4, com o título: “Os climas e a vegetação natural”. Dentro da unidade 1, a categoria paisagem aparece como conteúdo a ser estudado na sua área de abertura e no percurso 2, denominado de “Paisagem geográfica”, e, na unidade 4, os autores do livro em

análise trazem a paisagem no percurso 5, denominado “Terras: grandes paisagens vegetais naturais”.

No livro dos autores Silva e Ross (2018), a categoria paisagem aparece no tema 1, intitulado “Paisagens e lugares”. Essa primeira unidade desdobra-se em quatro capítulos: capítulo 1: “Paisagem em estudo”, capítulo 2: “Mudanças na paisagem e no lugar”, capítulo 3: “Paisagem e sociedade” e capítulo 4: “As cidades e a transformação das paisagens”.

Paula, Rama e Pinesso (2018) trazem a paisagem na unidade 1: “Compreender o espaço geográfico”. Na organização metodológica dessa unidade, a paisagem é discutida em três tópicos, a saber: “Paisagem”; “As paisagens se transformam” e “Permanências na paisagem”.

O livro *Geografia: território e sociedade*, dos autores Lucci, Branco e Fugii (2018), discute a categoria paisagem no primeiro capítulo da unidade 1, com o título “Paisagem”. No livro *Araribá mais Geografia*, Dellore (2018) apresenta a paisagem no capítulo 1: “Paisagem, espaço e lugar”; no subtítulo do capítulo 2: “O trabalho, as atividades econômicas e as paisagens”; no capítulo 3, os organizadores trouxeram a discussão sobre categoria paisagem em uma atividade para reflexão; no capítulo 13: “O espaço rural e suas paisagens” e no capítulo 14: “O espaço urbano e suas paisagens”. E, por fim, a discussão sobre a paisagem está em uma atividade reflexiva no capítulo 18.

Em relação às análises feitas nesses livros didáticos, percebe-se que seus autores apresentam para o professor sugestões para planejar uma aula que possibilite aos alunos reflexões sobre a dinamicidade da paisagem, sua história e a sua relação com a sociedade, além de ser uma possibilidade de os alunos perceberem significado nos estudos sobre a paisagem e, a partir dessa percepção, entenderem sua importância para o mundo do qual ele faz parte e atua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é preciso destacar que os resultados da análise empreendida se constituem em mais uma contribuição para as reflexões relacionadas ao ensino da Geografia, ao trazer elementos relacionados à abordagem da categoria paisagem nos livros didáticos, ressaltando a sua importância para o processo de construção do conhecimento do estudante.

Verificou-se nos livros analisados a existência de elementos que permitem trabalhar com abordagens a partir do contexto da paisagem, utilizando-se das inter-relações entre fatores do meio físico com os do meio social, o que favorece ao estudante a reflexão e atuação no processo de construção do conhecimento, ou seja, que sua participação ativa no processo.

Houve a constatação de conteúdos que permitem ao professor articular informações e levar o aluno a estabelecer relações entre a paisagem estudada e o seu cotidiano, o que

possibilita o balizamento do processo de ensino-aprendizagem na vivência dos estudantes. Entretanto para que estes conteúdos atendam esta finalidade é preciso que eles sejam correlacionados pelo professor com o mundo do aluno, daí a importância da formação do professor e o seu papel de intermediador do processo de aquisição de conhecimento.

Verificou-se que os autores dos livros didáticos se preocuparam com o estudo da categoria paisagem, de forma a permitir a aplicação dos princípios constantes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assim como a possibilidade de o professor encaminhar a sua prática pautado em situações reais e experiências dos alunos.

Destaca-se que a abordagem da paisagem no contexto da educação básica, no 6º. Ano do Ensino Fundamental II, na forma como se expressa nos livros didáticos, permite, a partir da intermediação consciente e responsável do professor, o desenvolvimento de habilidades e autonomia do estudante que é uma discussão presente na BNCC.

Por fim, afirma-se por meio da análise empreendida que a abordagem da paisagem nos livros didáticos é essencial para a formação de cidadão crítico, ao possibilitar o entendimento da sua realidade, assim como compreendemos que o livro didático é um recurso importante para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e que o professor deve usá-lo de maneira coerente para que a construção do conhecimento de seu aluno realmente aconteça.

REFERÊNCIAS

ADAS, M.; ADAS, S. **Expedições Geográficas**: manual do professor. 6º ano: ensino fundamental, anos finais. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Caracterização da Área de Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2. Geografia: Ensino de quinta a oitava série. Brasília: MEC/ SEF, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

BRASIL. Decreto n.º 9.099, de 18 de julho de 2017. **Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/legislacoes/decretos/item/10941-decreto-n%C2%BA-9099>. Acesso em: 7 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. 2018. Disponível em: http://www.basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 jul. 2019.

CALLAI, H. C. Estudar a paisagem para aprender Geografia. *In*: PEREIRA, M. G. (org.). **A opacidade del paisaje**: formas, imágenes y tempos educativos. Porto Alegre: Imprensa Livre,

2013. p. 37-56. Disponível em: https://www.academia.edu/31389527/La_opacidad_de_paisaje_Formas_im%C3%A1genes_y_tiempos_educati. Acesso em: 13 nov. 2020.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**, [S. l.], V, 14, n 16, p. 133-152, jan./jul. 2001. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/353>. Acesso em: 18 mar. 2024.

CASTELLAR, S. M. V. A escola, a formação docente e o ensino das paisagens. *In*: PEREIRA, M. G. (org.). **A opacidade del paisaje: formas, imágenes y tempos educativos**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 173-198. Disponível em: https://www.academia.edu/31389527/La_opacidad_de_paisaje_Formas_im%C3%A1genes_y_tiempos_educati. Acesso em: 13 nov. 2020.

CAVALCANTI, L. de S. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CAVALCANTI, L. de S. Apre(e)nder a paisagem geográfica: a experiência espacial e a formação do conceito no desenvolvimento das pessoas. *In*: PEREIRA, M. G. (org.). **A opacidade del paisaje: formas, imágenes y tempos educativos**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 37-56. Disponível em: https://www.academia.edu/31389527/La_opacidad_de_paisaje_Formas_im%C3%A1genes_y_tiempos_educati. Acesso em: 13 nov. 2020.

COPATTI, C.; CALLAI, H. C. Tensões e intenções entre professor de Geografia e livro didático na prática docente. **ParaOnde!?**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, Edição especial: XII ENANPEGE, p. 52-59, set. 2018. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/paraonde>. Acesso em: 7 ago. 2019.

DELLORE, C. B. **Araribá mais Geografia**. 6º ano: ensino fundamental, anos finais. São Paulo: Moderna, 2018.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FNDE). Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

GIOMETTI, A. B. dos R.; PITTON, S. E. C.; ORTIGOZA, S. A. G. **Leitura do espaço geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território**. [S. d]. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf. Acesso em: 14 mar. 2019.

LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Revista em aberto**, Brasília, 1996. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2061/2030>. Acesso em: 14 jul. 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Didática: Velhos e novos temas**. Goiânia: Edição do autor, 2002. Disponível em: <https://groups.google.com/g/guarda-livro/c/IVo4BlamhIA?pli=1>. Acesso em: 19 mar. 2020.

LUCCI, E. A.; BRANCO, A. L.; FUGII, W. **Geografia: território e sociedade**. 6º ano: ensino fundamental, anos finais. São Paulo: Saraiva, 2018.

PAULA, M. M.; RAMA, M. A. G.; PINESSO, D. C. C. **Geografia espaço & interação**. 6º ano: ensino fundamental, anos finais. São Paulo: FDT, 2018.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, A.; ROSS, J. **Tempo de Geografia**. 6º ano: ensino fundamental, anos finais. 4. ed. São Paulo: Brasil, 2018.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo: Annablume, 2004.

TORREZANI, N. C. **Vontade de saber Geografia**. 6º ano: ensino fundamental, anos finais. São Paulo: Quinteto, 2018.

VESENTINI, J. W. A questão do livro didático no ensino da Geografia. *In*: VESENTINI, J. W. (org.). **Geografia e ensino**: textos críticos. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995. p 161-179.